

NATSUME SOSEKI

# KOKORO

Tradução do japonês e notas  
Junko Ota



Estação Liberdade

Título original: *Kokoro*

© Editora Estação Liberdade, 2025, para esta tradução

PREPARAÇÃO Fábio Fujita

REVISÃO Thiago Arnoult

EDITOR ASSISTENTE Gustavo Katague

COMPOSIÇÃO Marcelle Marinho

IMAGEM DE CAPA Hasui Kawase (1883–1957), *Shinagawa*, xilogravura sobre papel, 1931.  
Museu de Arte da Província de Aichi, Japão

SUPERVISÃO EDITORIAL Letícia Howes

EDITOR DE ARTE Miguel Simon

EDITOR Angel Bojadsen

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

S693k

Soseki, Natsume, 1867-1916

Kokoro / Natsume Soseki ; tradução Junko Ota. - 1. ed. - São Paulo : Estação Liberdade, 2025.

256 p. ; 23 cm.

Tradução de: Kokoro

ISBN 978-85-7448-327-6

1. Ficção japonesa. I. Ota, Junko. II. Título.

25-101110.0

CDD: 895.63

CDU: 82-3(520)



---

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

13/10/2025 14/10/2025

Todos os direitos reservados à Editora Estação Liberdade. Nenhuma parte da obra pode ser reproduzida, adaptada, multiplicada ou divulgada de nenhuma forma (em particular por meios de reprografia ou processos digitais) sem autorização expressa da editora, e em virtude da legislação em vigor.

Esta publicação segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008.

EDITORA ESTAÇÃO LIBERDADE LTDA.  
Rua Dona Elisa, 116 | Barra Funda  
01155-030 São Paulo – SP | Tel.: (11) 3660 3180  
www.estacaoliberalidade.com.br

こころ



## SUMÁRIO

I. O professor e eu	11
II. Meus pais e eu	93
III. O professor e o testamento	137



## I. O PROFESSOR E EU



# 1

Sempre o chamei de professor. Por isso, usarei somente professor aqui, sem revelar seu nome. Não para resguardá-lo perante a sociedade, mas porque é mais natural para mim. Toda vez que ele me vem à memória, logo sinto vontade de chamá-lo: professor. Mesmo agora, pegando o pincel para escrever a seu respeito, a sensação é a mesma. Também descarto usar sua inicial, expediente tão frio, para me referir a ele.

Foi em Kamakura que o conheci. Na época, eu ainda era um jovem estudante. Ao receber um cartão-postal de um amigo que havia ido à praia desfrutar das férias de verão, convidando-me para ir até lá de qualquer maneira, tratei de correr atrás do dinheiro necessário e ir me encontrar com ele. Precisei de uns dois ou três dias para juntar tudo. No entanto, três dias após a minha chegada a Kamakura, meu amigo recebeu um telegrama de sua terra, cuja mensagem dizia-lhe para voltar imediatamente. No telegrama, constava que sua mãe estava doente, mas ele não acreditou nisso. Fazia tempo que ele vinha sendo pressionado pelos pais a se casar, contrariando a sua vontade. Para os costumes modernos, ele era muito jovem para se casar. Além disso, a pessoa com quem se casaria não era do seu agrado. Era por isso que ele, em vez de voltar à sua casa nas férias de verão, como seria natural, passeava em Kamakura, próximo a Tóquio, para evitar o retorno. Ele me consultou, mostrando o telegrama. Eu não sabia o que dizer. Mas se a mãe dele estivesse doente de verdade, ele deveria voltar de qualquer jeito. Então por fim decidiu voltar. E eu, que havia ido especialmente para estar com ele, fiquei sozinho.

Como ainda faltavam muitos dias para o início das aulas, podia tanto ficar em Kamakura como voltar, então decidi permanecer por mais um tempo, na mesma hospedaria. Meu amigo era filho de um

homem abastado, da região de Chugoku<sup>1</sup>, e nunca lhe faltava dinheiro, mas, por causa do estilo da nossa escola e da nossa idade, seu padrão de vida não diferia muito do meu. Portanto, mesmo tendo ficado só, não me dei ao trabalho de buscar uma hospedagem mais barata.

Embora se localizasse em Kamakura, a hospedaria ficava num lugar isolado. Para ter acesso a coisas modernas — casas de sinuca, sorveterias —, era necessário percorrer uma longa trilha entre os arrozais. Ir de riquixá custava vinte *sen*.<sup>2</sup> Mesmo assim, havia inúmeras casas de praia construídas por ali. E, como ficava próximo à praia, era um lugar excelente para os banhos de mar.

Eu entrava no mar todos os dias. Passava por entre as casas antigas cobertas de sapê enegrecido de fumaça, para descer à praia, onde me impressionava a quantidade de homens e mulheres que vinham passar o verão, todos se movendo sobre a areia. Às vezes a praia estava congestionada de cabeças pretas, tal qual o banho público. Mesmo para mim, que não tinha nenhum conhecido entre eles, era divertido estar em meio a essa paisagem animada, ora deitando-me na areia, ora pulando aqui e ali as ondas que batiam na altura dos joelhos.

Foi precisamente em meio a essa multidão que descobri o professor. Na época, havia na praia duas casas de chá. Acostumei-me a frequentar uma delas. Diferentemente dos que possuíam grandes casas na região de Hase<sup>3</sup>, nós, veranistas, não dispúnhamos de um local para trocar de roupa, daí a importância dessas casas de chá. Os frequentadores tomavam chá e, além de descansarem, mandavam lavar as roupas de banho, limpavam o sal do corpo e guardavam seus chapéus e guarda-sóis. Eu mesmo não levava na mão as roupas de banho e, portanto, não precisava me trocar, mas, como podia ter meus pertences furtados, todas as vezes que entrava na água, eu os deixava nessa casa.

- 
1. Região oeste da principal ilha do Japão, em que estão cinco províncias: Okayama, Hiroshima, Yamaguchi, Shimane e Tottori.
  2. *Sen*: antiga unidade monetária do Japão. Na época, era equivalente a um centésimo de iene.
  3. Parte sul de Kamakura, famosa por suas casas de praia, onde estão as estátuas do Grande Buda de Hase e da divindade Kannon Hase.

## 2

Quando vi o professor nessa casa de chá, ele havia tirado seu quimono e estava prestes a entrar no mar. Eu, pelo contrário, estava saindo da água, secando o corpo molhado ao vento. Entre nós dois, havia inúmeras cabeças pretas que se moviam, obstruindo nossa visão. Se não fosse por uma situação fora do comum, teria deixado de ver o professor. Apesar de a praia estar abarrotada de gente e ter a mente tão distraída, notei-o de cara, porque estava acompanhado por um ocidental.

A cor da pele extremamente branca do ocidental chamou a minha atenção, assim que entrei na casa de chá. Ele tinha despidido seu *yukata*<sup>4</sup>, autêntico quimono japonês, e o largara sobre a cadeira dobrável, e, de braços cruzados, permaneceu em pé, voltado para o mar. Vestia apenas a cueca *sarumata*, usada por nós, japoneses. Isso me pareceu curioso. Dois dias antes, tinha ido até a praia de Yuigahama, e ali, agachado sobre a areia, fiquei observando por um bom tempo os ocidentais que entravam na água. Eu estava numa colina, bem ao lado da porta dos fundos de um hotel. Enquanto fiquei ali, agachado e quieto, muitos homens haviam saído para tomar banho, mas nenhum deles expunha seus troncos, braços ou pernas. As mulheres, então, ocultavam ainda mais a pele. A maioria levava toucas de borracha na cabeça, castanhas, azul-marinho ou azul-anil, que flutuavam entre as ondas. Para quem havia visto isso recentemente, a imagem daquele ocidental apenas de cueca, impassível, era realmente curiosa.

Logo ele se virou e dirigiu uma ou duas palavras para um japonês que estava ali agachado. O japonês recolhia uma pequena toalha

---

4. Quimono de algodão informal, usado especialmente no verão.

caída na areia e, assim que a tomou na mão, cobriu rapidamente a cabeça com ela e começou a andar em direção à praia. Essa pessoa era o professor.

Apenas por curiosidade, eu observava as costas desses dois homens, descendo juntos à praia. Nisso, os dois puseram os pés nas ondas. Passando por entre a multidão alvoroçada, próxima à praia de pedregulhos, chegaram a um lugar com mais espaço e se puseram a nadar. Foram em direção ao horizonte, até suas cabeças quase desaparecerem. E retornaram em linha reta até a praia. Voltaram à casa de chá e, sem nem mesmo tomarem banho com a água do poço, enxugaram o corpo, vestiram seus quimonos e rapidamente se foram.

Depois que saíram, ainda fiquei sentado na cadeira, fumando um cigarro. Nesse momento, distraído, pensei no professor. Tive a impressão de já o ter visto em algum outro lugar. Mas não conseguia lembrar quando nem onde.

Sem nada para fazer, sofria de tédio. Então, no dia seguinte, na mesma hora em que os havia encontrado, fui propositalmente até a casa de chá. Nisso, o professor chegou com o chapéu de palha, sem a companhia do ocidental. Tirou os óculos e os colocou sobre a mesa, logo cobriu a cabeça com a toalhinha e foi descendo rápido pela praia. De repente, quando o professor passou por entre os ruidosos banhistas como no dia anterior e começou a nadar sozinho, eu quis ir atrás dele. Chutando a água na parte rasa, que respingava até a minha cabeça, cheguei até a parte mais funda e então passei a dar braçadas em sua direção. Mas o professor, diferentemente da véspera, nadou desenhando um arco e começou a voltar para a praia. Por causa disso, não alcancei meu objetivo. Quando cheguei da praia e entrei na casa de chá abanando os braços que respingavam água, o professor, já vestido, saía em direção oposta.

### 3

No dia seguinte, fui à praia novamente, no mesmo horário, e vi o professor. No outro dia, fiz o mesmo. Mas não apareceu nenhuma oportunidade para conversarmos, nem mesmo uma ocasião para um cumprimento. Ademais, o professor denotava uma postura pouco sociável. Vinha no mesmo horário, parecia sempre alheio ao que se passava à sua volta, e assim, dessa mesma forma, ia embora. Por mais que o ambiente estivesse animado, não dava mostras de se incomodar com isso. O ocidental que o acompanhara no começo não tornou a aparecer. O professor estava sempre só.

Certa feita, o professor chegou, como de costume, da praia e, quando foi vestir o quimono que ficava no lugar habitual, viu que estava cheio de areia. Para limpá-lo, o professor se virou para trás e o sacudiu duas ou três vezes. Então seus óculos, que estavam debaixo do quimono, caíram entre as ripas de tábua no chão. Após amarrar a faixa do quimono branco com estampas em azul-anil, o professor se deu conta da falta dos óculos e logo começou a procurá-los. Abaixei-me imediatamente e, com a cabeça e a mão debaixo do banco, peguei os óculos. O professor os recebeu da minha mão e me agradeceu.

No dia seguinte, pulei na água, seguindo o professor. Nadei junto com ele na mesma direção. Após termos nadado uns duzentos metros em direção ao alto-mar, o professor se voltou para mim e falou comigo. Nada além de nós dois flutuava naquela superfície azul do mar aberto. E fortes raios de sol iluminavam a água e as montanhas, até onde alcançava a nossa vista. Movimentando os músculos repletos de liberdade e alegria, dancei freneticamente dentro do mar. O professor deteve os movimentos de seus braços e pernas e, de costas, deitou-se sobre as ondas. Fiz o mesmo. O céu azul lançava sua cor ardente no meu rosto, como se flechas atingissem os meus olhos.

— Que divertido, não? — gritei.

Após um tempo, o professor, que se aprumara, como se se levantasse dentro da água, me disse:

— Vamos embora?

Eu, que tinha um corpo relativamente forte, queria brincar mais um pouco. Mas quando convidado pelo professor, respondi prontamente:

— Sim, vamos. — E voltamos para a praia, pela mesma rota.

Desde então, tornei-me próximo do professor. Mas não sabia onde ele se hospedava.

Acho que três dias depois, à tarde, quando me encontrei com o professor na casa de chá, ele me perguntou repentinamente:

— Você ainda vai ficar aqui por muito tempo?

Eu, sem ter o que responder na hora, lhe disse:

— Não sei ainda. — Mas, ao ver o rosto dele sorrindo, fiquei sem graça e não pude deixar de lhe perguntar: — E o senhor, professor? — Era a primeira vez que eu usava a palavra “professor”.

Naquela noite, visitei-o em sua hospedaria. Apesar do nome, parecia ser uma vila construída dentro da espaçosa área do templo budista. Também soube que os que ali viviam não eram familiares do professor. Como o chamei novamente de “professor”, ele esboçou um sorriso amargo. Justifiquei-me dizendo que costumava chamar assim os mais velhos. Perguntei sobre o ocidental que havia visto uns dias atrás. O professor comentou que se tratava de uma figura peculiar e que já não se encontrava mais em Kamakura. Após falar ainda de outros assuntos, por fim disse que era estranho ter conhecido um estrangeiro, quando nem com os japoneses costumava fazer muitas amizades. Eu, finalmente, lhe contei que achava tê-lo visto antes em algum lugar, mas que não conseguia lembrar onde. Eu, que era jovem, intuía que talvez ele tivesse a mesma sensação. Instintivamente esperava uma resposta positiva do professor. Ele, porém, após refletir um tempo, disse:

— Não, realmente não me lembro do seu rosto. Será que não está me confundindo? — Isso me causou um certo desapontamento.

Retornei a Tóquio no fim do mês. O professor havia deixado o local de veraneio bem antes. Ao me despedir dele, perguntei:

— Posso visitá-lo de vez em quando?

Ele disse simplesmente:

— Sim, pode.

Nessa época, sentia-me já bastante próximo dele e por isso esperava palavras um pouco mais atenciosas. Portanto, essa resposta um tanto lacônica feriu um pouco a minha autoconfiança.

Muitas vezes, o professor me frustrava com coisas assim. Ele parecia perceber isso e, ao mesmo tempo, ignorá-lo por completo. Apesar da repetição de pequenos desapontamentos, eu não queria me afastar dele. Muito pelo contrário, quanto mais era sacudido pela insegurança, mais eu queria ir em frente. Indo além, achava que encontraria, diante de meus olhos, em algum momento, o que esperava, de forma satisfatória. Eu era jovem. Contudo, não acreditava que meu sangue jovem reagisse docilmente perante todas as pessoas. Não entendia por que tinha essa sensação somente com relação ao professor. Hoje, após a sua morte, começo a entender. Não que ele me odiasse desde o começo. Os cumprimentos secos e os gestos aparentemente frios que exibia às vezes não eram expressões de desagrado, buscando distância com relação a mim. Era um alerta do pobre professor, aos que se aproximavam dele, de que a aproximação não valia a pena. O professor, que não respondia ao afeto dos outros, antes de despezá-los, despezava a si próprio.

Quando retornei a Tóquio, tinha a firme intenção de visitá-lo. Como ainda havia duas semanas até o início das aulas, resolvi então fazer uma visita nesse meio-tempo. Porém, passados dois ou três dias, o sentimento que me tomara em Kamakura foi desvanecendo

aos poucos. O ar da grande metrópole que tudo coloria, junto com o forte estímulo que acompanhava a recuperação da memória, começou a atingir em cheio o meu coração. Todas as vezes que via os rostos de estudantes na rua, sentia uma tensa expectativa pelo novo ano letivo. Por um tempo, esqueci-me do professor.

Um mês após o início das aulas, retomei a normalidade. Comecei a andar pelas ruas com expressão insatisfeita e olhava com avidez em torno do meu quarto. Na minha cabeça, veio de novo o rosto do professor. Senti vontade de vê-lo novamente.

Quando fui visitá-lo pela primeira vez em sua casa, ele não estava. Lembro-me de ter ido no domingo seguinte, pela segunda vez. O dia estava esplêndido, o céu límpido parecia infiltrar-se no meu corpo. Também nesse dia, não encontrei o professor. Quando estávamos em Kamakura, ouvira dele pessoalmente que sempre estaria na sua residência. Também soube que não gostava muito de sair. Não o encontrando pela segunda vez, lembrei-me de suas palavras e senti em parte uma insatisfação inexplicável. Não me retirei logo da entrada de sua casa. Vi o rosto da empregada e, perplexo, fiquei ali parado. A empregada, que se lembrava de ter recebido o meu cartão anteriormente, me deixou ali esperando e entrou na casa. Nesse meio-tempo, apareceu uma pessoa que aparentava ser a esposa do professor. Era uma mulher bonita.

Essa pessoa me contou amavelmente aonde o professor tinha ido. Disse que ele costumava levar flores para um túmulo sempre naquele dia, todos os meses, num cemitério que fica no bairro de Zoshigaya. Falou num tom pesaroso:

— Ele acabou de sair, faz uns dez minutos.

Despedi-me dela e fui embora. Andando uns cem metros em direção à cidade movimentada, resolvi também ir a Zoshigaya, como parte do passeio. Estava curioso para saber se encontraria ou não o professor. Então girei subitamente o calcanhar na direção oposta.

## 5

Entrei no cemitério pelo lado esquerdo, onde havia um canteiro de mudas de arroz, e segui por um largo caminho, ladeado por pés de bordo. De repente surgiu, da casa de chá que se avistava dali, uma pessoa parecida com o professor. Aproximei-me dele, até ver a armação dos óculos brilharem com o sol. E o chamei abruptamente, em voz alta:

— Professor!

Ele parou de súbito e me viu.

— Por quê... Por quê?

O professor balbuciou. Repetidas, as palavras soaram num ritmo estranho em meio à tarde silenciosa. Emudeci.

— Você me seguiu? Por quê...

A atitude do professor era até calma. Sua voz tinha um tom grave. Mas havia em sua expressão uma sombra indescritível.

Expliquei-lhe o motivo de ter ido àquele lugar.

— A minha esposa lhe contou de quem era o túmulo?

— Não, não comentou nada sobre isso.

— Ah, sim... É, não havia por que falar a alguém que acabou de conhecer. Não tinha necessidade mesmo.

O professor pareceu, por fim, mais conformado. Mas fiquei sem entender nada do que aquilo tudo significava.

Caminhamos por entre os túmulos até a rua. Ao lado das lápides inscritas com “Isabela de tal” e “Rogin, o servo de Deus”, havia estupas<sup>5</sup> com uma inscrição segundo a qual todos os que têm vida podem se tornar um Buda. Havia também a lápide do “Embaixador

---

5. Pequenas lápides budistas de madeira, finas, longas, cuja parte superior tem contornos no formato de uma torre.

de Plenos Poderes tal de não sei de onde”. Ao lado de uma lápide com alguns ideogramas, perguntei ao professor:

— Como se lê isto?

Ele respondeu, com um sorriso irônico:

— Deve ser algo como “André”.

Diante desses inúmeros túmulos representando diversamente homens e mulheres, o professor parecia não ver graça alguma, tampouco alguma ironia, como eu fazia. A princípio, ouvia em silêncio meus comentários intermináveis dirigidos ora às lápides de pedra redonda, ora aos longos monumentos de granito. Até que por fim ele disse:

— Até agora, você nunca pensou seriamente sobre a morte, não é? Calei-me. E o professor também.

No pórtico do cemitério, havia uma grande árvore de *Ginkgo biloba*<sup>6</sup>, escondendo parte do céu. Ao passarmos por baixo dela, o professor olhou para a copa e disse:

— Daqui a pouco, estará bonita. Ficarà toda amarelada, e o chão, coberto de folhas douradas.

Uma vez por mês, sem falta, o professor passava por baixo dela.

Mais adiante, um homem que preparava o cemitério novo, aplainando o terreno irregular, olhava para nós, descansando as laboriosas mãos na enxada. Em seguida, dobramos à esquerda e logo saímos na avenida.

Sem destino algum, fui seguindo o professor. Ele falava menos do que habitualmente. Mas isso não me incomodava tanto, e continuei a caminhar a seu lado.

— Já vai para casa?

— Sim, não tenho nenhum outro lugar para ir.

De novo em silêncio, descemos a ladeira em direção ao sul. Retomei a conversa:

— O túmulo da sua família está lá?

---

6. A árvore *Ginkgo biloba* é originária da China, hoje existente em toda a Ásia Oriental. É plantada nas alamedas e jardins, e seus pés chegam a atingir trinta metros. Suas folhas têm o formato de um leque aberto e ficam amarelas no outono.

— Não.

— Então é túmulo de quem? De um parente?

— Não.

O professor não disse mais nada. Também decidi encerrar a conversa ali mesmo. Então, cerca de cem metros adiante, o professor voltou ao assunto:

— É o túmulo de um amigo.

— Visita o túmulo desse amigo todos os meses?

— Sim.

E foi tudo o que me contou naquele dia.

## 6

Desde então, passei a visitá-lo com alguma regularidade. E ele sempre estava lá, todas as vezes. Quanto mais me encontrava com o professor, mais me via parado em frente à porta de sua casa.

Mas a atitude do professor em relação a mim não variava muito, da primeira vez que o cumprimentara até a nossa aproximação. Ele era sempre calmo. Por vezes, tão calmo que parecia triste. Desde o começo, percebi nele um mistério que dificultava a aproximação. Ainda assim, sentia um forte impulso em querer me aproximar dele. Talvez só eu, dentre muitos, tivesse esse tipo de sensação em relação ao professor. Mesmo que digam que eu era muito jovem, ou comentem, rindo, ser isso pura tolice, estou seguro, e também contente, por ter intuído acertadamente, uma vez que minha intuição mais tarde foi comprovada pelos fatos. Uma pessoa capaz de amar o ser humano, sem jamais conseguir deixar de amá-lo, e ainda assim incapaz de abrir os braços e abraçar aqueles que vinham ao seu encontro — assim era o professor.

Como acabei de afirmar, o professor permanecia o tempo todo em silêncio. Calmo. Mas por vezes uma sombra estranha assaltava seu semblante. Como uma sombra negra de um pássaro projetada na janela. Embora desaparecesse num piscar de olhos, eu a vi pela primeira vez, entre os sobrolhos do professor, no cemitério em Zoshigaya, quando apareci diante dele subitamente. Naquele instante de estranhamento, senti que o sangue em meu coração, que até então fluía normalmente, estancou. Mas não passara de uma simples arritmia momentânea. Menos de cinco minutos depois, meu coração recuperou a elasticidade de sempre. E, desde então, esqueci-me da sombra escura das nuvens. Foi num fim da tarde, num dia quente que lembrava a primavera, apesar de ser outubro, início de inverno, que essa recordação aflorou.

Conversando com o professor, sem querer revir diante de meus olhos a grande árvore de *Ginkgo biloba*, sobre a qual o professor havia especialmente me chamado a atenção. Pelas minhas contas, faltavam três dias para o professor fazer a visita mensal ao túmulo. Nesse terceiro dia, minhas aulas terminariam na hora do almoço, por isso teria o resto do tempo livre. Falei, então, ao professor:

— Será que já caíram todas as folhas daquele *Ginkgo biloba* de Zoshigaya?

— Acho que ainda não.

Respondendo assim, o professor me encarou. Não desviou o olhar nem um instante sequer. Logo em seguida, eu lhe disse:

— Posso acompanhá-lo quando for visitar o túmulo da próxima vez? Eu gostaria de passear por lá, junto com o senhor.

— Eu vou visitar o túmulo, não vou a passeio.

— Mas eu poderia aproveitar a ocasião para isso.

O professor não respondeu nada. E, após um tempo, disse:

— A minha ida é apenas para visitar o túmulo — fazendo questão de, acima de tudo, distinguir passeio de visita ao túmulo. Sem saber se isso era pretexto para não me convidar, sua atitude aparentemente infantil soou estranha para mim. Mas resolvi insistir mais um pouco:

— Está bem, pode ser para visitar mesmo, me leve junto. Também vou visitar o túmulo.

De todo modo, a distinção entre visita e passeio era quase insignificante para mim. As sobrancelhas do professor ganharam um aspecto sombrio, e seu olhar, um ar estranho. Mais parecia uma sutil ansiedade, que não poderia ser qualificada como aborrecimento, nem como rejeição ou temor. Imediatamente me veio à lembrança, com nitidez, a ocasião em que o chamara (“professor!”) em Zoshigaya. As duas expressões eram absolutamente idênticas.

— Eu tenho — disse o professor — um motivo, que não posso explicar a você, para não querer visitar o túmulo junto com outros. Não tenho levado comigo nem mesmo a minha esposa.

Achei sua atitude estranha. Mas não ia à casa do professor para analisá-lo. Então deixei as coisas como estavam. Pensando agora, a atitude que tomei naquela ocasião foi a mais valorosa de toda a minha vida. Justamente por causa disso, creio ter tido uma relação humana e calorosa com o professor. Se a minha curiosidade tivesse ido um pouco além, a fim de analisá-lo, o laço de empatia que nos unia teria se rompido irremediavelmente naquele momento. Talvez por ser jovem, e por não ter consciência absoluta das minhas atitudes, minha ação tenha sido valorosa de fato. Mas, se por qualquer razão eu tivesse tomado outra atitude, que tipo de consequências isso nos teria acarretado? Só de pensar a respeito, sinto um calafrio. Ser escrutinado friamente era um temor constante do professor.

Passei a ir à sua casa duas ou até três vezes por mês. Um dia, quando minhas aparições haviam começado a ficar frequentes, ele me perguntou de supetão:

— Por que você sempre vem me visitar, visitar uma pessoa como eu?

— Por quê? Não tem um significado especial... Mas incomoda o senhor?

— Não, não me incomoda.

De fato, não havia na atitude do professor um ar de quem estava incomodado. Sabia que seu círculo de relacionamentos era bem restrito. E também que, dentre seus colegas do tempo da faculdade, somente dois ou três moravam em Tóquio. Havia ocasiões em que me juntava com os estudantes de sua terra natal, mas nenhum deles me passava a impressão de ter tanta intimidade com ele quanto eu.

— Eu sou uma pessoa solitária — disse o professor. — Então, fico contente ao receber você. Por isso lhe perguntei por que vem tantas vezes.

— Mas então por que pergunta? — repliquei. O professor não respondeu. Limitou-se a olhar para o meu rosto e indagou:

— Quantos anos você tem?

O diálogo me pareceu sem sentido, de forma que não insisti e voltei para casa. Mas o visitei de novo, menos de quatro dias depois. O professor, assim que entrou na sala, começou a rir.

— Veio de novo, não? — disse ele.

— É, vim de novo — respondi e ri também.

Se tivesse ouvido isso de alguém diferente, decerto teria ficado irritado. Mas quando ouvi isso do professor, foi exatamente o contrário. Não somente não me irritei, como até achei engraçado.

— Eu sou uma pessoa solitária. — Naquela noite, o professor repetiu as palavras que dissera no outro dia. — Eu sou uma pessoa solitária, mas quem sabe você também não é? Mesmo sendo solitário, sou mais velho e posso ficar sem fazer nada, mas com você, que é jovem, não deve ser assim. Precisa se movimentar o máximo que puder, ir atrás de algo. Querer encontrar alguma coisa...

— Eu não me sinto nem um pouco solitário.

— Não há solidão maior do que a da juventude. Mas então por que vem tantas vezes à minha casa?

De novo, o professor repetia as mesmas palavras.

— Creio que, mesmo encontrando a mim, você ainda sente uma certa solidão. Porque não tenho a força para arrancar sua tristeza pela raiz. Com o tempo, você terá que se virar para fora e estender os braços. E logo deixará de frequentar a minha casa. — No que o professor esboçou um triste sorriso.

Felizmente, acabou não se concretizando a previsão do professor. Inexperiente na época, eu não era capaz de compreender sequer o significado óbvio contido nela. Continuei a visitá-lo. E então, não sei bem a partir de quando, passei a dividir as refeições com ele em sua casa. Naturalmente, passei a ter de falar também com a sua esposa.

Como um homem normal, eu não era frio com as mulheres. Mas, pela formação e pela pouca experiência que havia tido até ali, quase não me havia relacionado com elas. Não sei se por isso, mas na maioria das vezes me interessava pelas desconhecidas com quem cruzava na rua. Quando encontrei pela primeira vez com a esposa do professor, achei-a muito bonita — impressão que perdurou nas outras vezes que nos encontramos. Mas, fora isso, não havia muito mais o que contar sobre ela. Não que não tivesse seus atrativos, mas talvez não tenha havido ocasião para mostrá-los. Contudo, sempre a considerei como parte do professor. Ela me tratava com simpatia por eu ser um estudante e visitar seu marido. Caso o professor deixasse de ser nosso intermediário, não haveria nenhuma ligação entre mim e ela. Por isso, com relação à esposa do professor, naquela primeira vez que a vi, não tive nenhuma outra impressão senão a de que era bonita.

Certa feita, ofereceram-me saquê. A esposa dele veio à mesa e me serviu. O professor estava mais bem-humorado do que de costume e disse à mulher:

— Tome você também — e ofereceu-lhe a taça dele, que havia esvaziado.

— Bem... — Ela ameaçou recusar, mas acabou aceitando, embora com o ar contrariado. Levantando as belas sobrancelhas, ela levou à ponta dos lábios a taça de saquê que lhe servi até a metade. Começou então um diálogo entre os dois:

— Estou admirada! Você quase nunca me diz para tomar.

— É que você não gosta. Mas é bom tomar de vez em quando.

Vai se sentir bem.

— Não fico bem, não. Só me sinto mal. Mas você parece estar bastante alegre, depois de tomar um pouco de saquê.

— Às vezes fico bem alegre. Mas não é sempre.

— E esta noite?

— Esta noite estou me sentindo bem.

— Então seria bom tomar um pouco todas as noites.

— Não posso.

— Por favor. Assim você não fica triste.

Na casa do professor, havia somente o casal e a empregada. Em todas as minhas visitas, o silêncio sempre reinava. Nunca se ouviam gargalhadas. Algumas vezes dava a impressão de que somente eu e o professor estávamos em casa.

— Seria bom se tivéssemos filhos — disse a esposa, olhando para mim.

— Seria, não? — respondi, mas sem nenhuma compaixão. Eu, que não tinha tido filhos até então, achava que eles só faziam muito barulho.

— Devemos adotar um? — indagou o professor.

— Um filho adotivo? Como seria? Não sei... — A esposa voltou novamente a olhar para mim.

— Pois nós não teremos um filho, nunca — disse o professor.

A esposa ficou calada.

— Por quê? — perguntei, pondo-me no lugar dela.

A isso, o professor respondeu:

— É castigo. — E riu em voz alta.